

Roberto Ventura¹

José Carlos Barreto de Santana

*As estrelas são indesejadas agora.
Dispensem todas.
(W. H. Auden)*

RESUMO

Este depoimento pretende homenagear Roberto Ventura, tragicamente desaparecido, ao 45 anos de idade e uma intensa e brilhante vida intelectual. Roberto Ventura escrevia uma biografia de Euclides da Cunha, a quem escolhera como personagem parcialmente atraído pela leitura de *Os sertões*, que o fascinava por ser uma obra híbrida, transitando entre a literatura, a história e a ciência, uma interpretação do Brasil que revela os impasses do intelectual que tenta entender uma cultura que lhe é estranha. Ajudara na escolha a vida do autor, com os seus aspectos de personagem romanesco, repleto de conflitos e decepções.

Abstract

This report intends to honor Roberto Ventura; who passed away tragically, at the age of 45; and his intense and brilliant intellectual life. Roberto Ventura was writing a biography of Euclides Da Cunha, who he had chosen as the character in part attracted by the reading of “*Os Sertões*”, which fascinated him for being a work of diversity, circulating among literature, history and science. “*Os Sertões*” is an interpretation of Brazil that reveals the intellectual that tries to understand an unfamiliar culture. The life of the author helped him make this choice due to his Romanesque aspects, full of conflicts and disappointments.

¹Roberto Ventura (1957-2002) era professor de teoria literária e literatura comparada na USP. Publicou, dentre outros trabalhos, *História e dependência: Cultura e sociedade em Manoel Bomfim* (com Flora Süssekind, Ed. Moderna, 1984), *Estilo tropical: História cultural e polêmicas literárias no Brasil* (Companhia das Letras, 1991), *Folha explica Casa-grande & senzala* (Publifolha, 2000) e *Folha explica Os sertões* (Publifolha, 2002).

Os responsáveis pela revista Canudos resolveram fazer mais que justa homenagem a Roberto Ventura e pediram-me que escrevesse um depoimento sobre este amigo tragicamente desaparecido em desastre automobilístico ocorrido na madrugada do dia 14 de agosto de 2002, aos 45 cinco anos de idade e uma intensa e brilhante vida intelectual. No próprio dia 14 de agosto, em São José do Rio Pardo-SP, havia sido consultado sobre a possibilidade de escrever a respeito de Roberto para um jornal paulista. Não aceitei a tarefa porque tudo o que eu queria naquele momento era voltar para a Bahia, para Feira de Santana e mais especificamente para a minha casa, como que desejando fazer o tempo fluir invertido e que finalmente a 90a Semana Euclidiana não tivesse ainda começado. Ainda passei no Crematório da Vila Alpina, menos para as despedidas, que não queria, do que para ver Márcia e Tomás, que eu havia aprendido a amar através do convívio com Roberto.

Quase dois meses se passaram e a minha dificuldade de escrever permanece. Admito mesmo que me falta vontade de escrever sobre este tema e se faço este esforço é também para exorcizar um pouco a dor que a ausência de Roberto me traz. Digo exorcizar um pouco a dor porque sei que alguma dor há de me acompanhar, mesmo estando consciente da inutilidade desta, afinal, a morte parece afirmar que tudo é inútil.

Roberto Ventura escolheu Euclides da Cunha como objeto de pesquisa, que desenvolveu por mais de uma década. Fora parcialmente atraído pela leitura de Os sertões, que o fascinava por ser uma obra híbrida, transitando entre a literatura, a história e a ciência, uma interpretação do Brasil que revela os impasses do intelectual que tenta entender uma cultura que lhe é estranha. Ajudara na sua escolha a vida do autor, com os seus aspectos de personagem romanesco, repleto de conflitos e decepções.

Sabia das dificuldades que o aguardavam na busca para trazer novas contribuições no âmbito dos estudos euclidianos, cuja bibliografia indica existir mais de uma dezena de milhar de publicações tratando da vida e da obra de Euclides da Cunha. Optou por realizar um rigoroso e quase obsessivo levantamento documental. Considerava que, em princípio, tudo interessava ao biógrafo, pesquisava tudo, ou quase tudo, seguia todas as pistas (lembro os vários dias em que nos dedicamos a procurar no Arquivo do Estado de São Paulo a documentação relativa aos trabalhos de Euclides da Cunha enquanto engenheiro naquele Estado e a nossa alegria ao localizar os papéis que associavam a sua demissão da Comissão de Saneamento de Santos a um prosaico litígio de pagamento da conta de água por parte de uma casa de banhos santista).

Foi um ouvinte e anotador incansável. Entrevistou descendentes de Euclides da Cunha e de seus contemporâneos e dialogou com os principais autores de trabalhos

sobre o
do "con
foco pri
São Jos

Cor
que se c
dos fato

Util
para o
ponto d
gerava
estudios

ou tinha
do escri
saber q
seca qu

Du
para par
Teve qu

do que
centená
que um

e Canuc
publica
publica
explica
supercc
publica

Un
do Rio
feira e r
sobre "

São Pa
Rej

acervo

sobre o biografado e sobre Canudos. Transitou com serenidade tanto entre as vertentes do “conselheirismo” – sediado principalmente na Bahia e que tem em Canudos o seu foco prioritário – e do “euclidianismo” – que tem como polo aglutinador a cidade de São José do Rio Pardo-SP, quanto entre as diferentes gerações de pesquisadores.

Considerava ser dever do biógrafo confrontar testemunhos contraditórios e rever o que se conhece sobre o biografado e estava pronto para trazer a público a sua versão dos fatos e idéias novas sobre as motivações do seu personagem.

Utilizava com muita freqüência as “infovias” para enviar os texto em produção para o “pente fino” de alguns colegas. Aceitava réplicas e trélicas, expunha o seu ponto de vista e era correto na distribuição dos créditos. A sua preocupação de biógrafo gerava interrogações sobre algumas questões curiosas que escapariam à atenção de estudiosos menos atentos. Queria saber, por exemplo, se Euclides era vesgo ou estrábico ou tinha apenas orelhas grandes, e perguntava isto a partir da observação da preferência do escritor em ser fotografado de lado ou de perfil, ou ainda manifestava urgência em saber quando voltou a chover em Canudos e a encher o açude de Cocorobó que, após a seca que em 1999, reduziu o volume d’água a 10% do seu total.

Durante o ano do centenário de Os sertões foi sempre dos primeiros a ser convidado para participar dos mais variados eventos e colaborar na publicação de livros e periódicos. Teve que recusar alguns convites, considerando ser uma melhor opção terminar o livro do que passar o ano viajando e sem poder escrever, como já acontecera durante o outro centenário, o da guerra de Canudos. Todavia aceitou escrever vários trabalhos, sendo que uma relação dos mais recentes incluiria “Do mar se fez o sertão: Euclides da Cunha e Canudos”, publicado neste número da *Revista Canudos*; “Euclides no Vale da Morte”, publicado pela *Rivista di Studi Portoghesi e Brasiliani*; a cronologia “Memória seletiva” publicada nos *Cadernos de Literatura Brasileira* do Instituto Moreira Salles e Folha explica *Os sertões*, edição da Publifolha. Todos estes trabalhos seriam versões supercondensadas do que iria aparecer na biografia que construía e pretendia ver publicada no ano de 2003.

Um dos convites aceitos foi a participação na 90ª Semana Euclidiana em São José do Rio Pardo-SP, que comemorou o centenário de Os sertões. Chegou na noite de quinta-feira e no dia seguinte participamos, juntos com Walnice Galvão, de uma mesa-redonda sobre “Literatura e ciência em Os sertões”. Planejava com antecedência retornar para São Paulo no sábado a noite, após as homenagens que foram prestadas aos euclidianos.

Repetiu alguns dos “rituais” que costumávamos fazer todos os anos: trabalhou no acervo da Casa Euclidiana, agora enriquecido pela incorporação do material doado

pelos herdeiros de Oswaldo Galotti; visitou a Herma Euclidiana, onde estão os restos mortais de Euclides da Cunha e do seu filho Quindinho e o barracão de sarrafo e zinco que foi utilizado pelo engenheiro para os trabalhos de reconstrução de uma ponte metálica, e também para escrever alguns trechos de *Os sertões*; atravessou sem pressa a ponte metálica, relendo as suas placas; conversamos sobre o provável tema da Semana Euclidiana de 2003 – a recepção crítica a *Os sertões* – e combinamos propor uma mesa na qual abordaríamos a recepção científica e literária.

Estava particularmente eufórico e comentava como a sua opção pela ioga o transformara num “ex-estressado”. Contava com bom humor como gastara os dias de férias em Ubatuba trabalhando e da natural reação de Márcia que preferia aproveitar melhor os dias longe da agitação da grande cidade. Afirmava ser um noctívago e expressava a autoconfiança ao dirigir durante as madrugadas. O clima ameno da Semana Euclidiana, o envolvimento dos novos e antigos amigos e algumas taças de vinho fizeram com que desistisse de viajar durante a noite. Manteve a decisão de passar o dia dos pais com Tomás, comentando divertido como este estava dividido entre a busca da liberdade adolescente e a cobrança de atenção dos pais.

Viajou na manhã de domingo e avisou que retornaria na noite de segunda-feira, após dar aula no programa de pós-graduação do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, alegando a necessidade de fotografar alguns exemplares raros de *Os sertões*, notadamente as edições chinesa e japonesa que, pela primeira vez, estavam expostas na Casa Euclidiana.

“Tenho sete questões a fazer para Marco Villa”. Foi assim que Roberto iniciou, na tarde do dia 13 de agosto, uma terça-feira, aquela que seria a sua última intervenção durante uma mesa-redonda da Semana Euclidiana. Não fez as sete perguntas, contentou-se com três ou quatro, talvez convencido que não esgotaria nunca as divergências que o biógrafo mantinha com o historiador a respeito de aspectos relacionados à participação de Euclides da Cunha na cobertura da guerra de Canudos e à elaboração de *Os sertões*.

Evitou tomar bebida alcóolica e por volta das 23:30 horas levantou-se da grande mesa do restaurante que reunia parte dos pesquisadores presentes em São José. Estava decidido a viajar durante a madrugada para cumprir compromisso que teria às dez horas em São Paulo. Abraçou e despediu-se de cada um dos presentes.

Penso que o abracei forte e carinhosamente, como fazia sempre. Lembro que inesperadamente ele retornou do meio do caminho da saída do restaurante e um novo abraço veio acompanhado de recomendação especial para a viagem que eu deveria fazer em seguida.

os restos
fô e zinco
ma ponte
em pressa
la Semana
uma mesa

la ioga o
os dias de
proveitar
ctívago e
a Semana
io fizeram
a dos pais
liberdade

nda-feira,
uagem da
ts sertões,
postas na

iciou, na
ervenção
ontentou-
ncias que
ticipação
s *sertões*.
a grande
é. Estava
a às dez

bro que
um novo
deveria

Tenho no jardim de casa algumas espécies de bromélias, as plantas preferidas de Roberto. Algumas vezes irei molhar o jardim ou apenas observar as bromélias. Não sei se Roberto estará por perto, mas estarei pensando nele.